



## ESTABELECENDO O DIÁLOGO ENTRE O CONTO CLÁSSICO “CHAPEUZINHO VERMELHO E A ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA “DEU A LOUCA NA CHAPEUZINHO” : UMA PROPOSTA BASEADA NO LETRAMENTO LITERÁRIO

Bruno Santos Melo<sup>1</sup>; Jailma da Costa Ferreira<sup>3</sup>; Maria Ismênia Lima<sup>3</sup>; Tarcia Paulino da Silva<sup>4</sup>

*Universidade Estadual da Paraíba – bsantasmelo@hotmail.com<sup>1</sup>*

*Universidade Estadual da Paraíba – jailma.jdf@gmail.com<sup>2</sup>*

*Universidade Estadual da Paraíba – ismenialima302@hotmail.com<sup>3</sup>*

*Universidade Estadual da Paraíba – tarcia\_cg@hotmail.com<sup>4</sup>*

**Resumo:** Partindo do pressuposto de que as aulas de Língua Portuguesa, sobretudo no ensino fundamental, se resumem quase sempre a aulas de gramática normativa, e que o trabalho com a literatura nesse período é praticamente inexistente, este artigo tem como finalidade apresentar uma proposta didática segundo a teoria do letramento literário de Cosson (2006) utilizando o clássico e célebre conto dos irmãos Grimm “Chapeuzinho Vermelho” e a adaptação cinematográfica “Deu a louca na chapeuzinho”, no intuito de aproximar os textos clássicos e suas releituras, demonstrando o universo de possibilidades oferecidos pela literatura, bem como sua capacidade de dialogar com outras artes. Como aporte teórico, far-se-á uso de Cosson (2006), Abreu (2006) e Todorov (2012) com suas contribuições acerca do ensino de literatura e da atual situação da mesma, além do PCN (1997) para o ensino fundamental.

**Palavras-chave:** Literatura, Letramento literário, Chapeuzinho Vermelho.

### INTRODUÇÃO

“[...] a literatura pode ser (ou não ser) muita coisa, mas jamais será *simplesmente*”  
(ABREU, 2006, p. 39).

O ensino de Língua Portuguesa ainda é tido, por muitos professores, como ensino de gramática normativa, não atentando para as outras áreas da Língua Portuguesa, principalmente a literatura, sendo esta quase “anulada” no ensino fundamental. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), mesmo que de forma sucinta, trazem consigo a importância do trabalho com o texto literário em sala de aula, que contribuirá diretamente no letramento dos alunos, pois “a questão do ensino da literatura ou da leitura

literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita.” (PCN, 1997, p.25).

O trabalho com a literatura, não deve se deter apenas na leitura por fruição, mas sim em o professor contribuir para a formação escolar e pessoal do aluno, que fará uso dos mais diversos textos no seu dia a dia, tendo a necessidade de distinguir o que é um gênero literário ou um gênero textual, atentando para as peculiaridades de cada um.

Outra ideia comum e que serve muitas vezes de justificativa para o “apagamento” da literatura do ensino fundamental é o de que a leitura e a escrita literária servem como um



entretenimento, “sem configurar uma realidade”, quando se sabe que a literatura tem seu caráter ficcional, mas que aponta para uma realidade, como destaca Todorov (2012, p. 23): “Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-los e organizá-lo.” A Literatura se encontra, então, como um instrumento de ampliação da realidade, e não uma fuga total dela.

## **METODOLOGIA**

A metodologia que norteia este trabalho se configura, a princípio, como pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo. Far-se-á uso do conto “Chapeuzinho Vermelho”, dos irmãos Grimm e da adaptação cinematográfica “Deu a louca na Chapeuzinho” como meios para realização da proposta didática. A adaptação do célebre conto da Literatura Fantástica Chapeuzinho Vermelho já recebeu inúmeras adaptações na contemporaneidade, porém, optou-se por escolher o filme “Deu a louca na chapeuzinho” por ser tal produção cinematográfica não uma mera adaptação *ipsis litteris* do conto dos irmãos Grimm, mas há uma grande desconstrução dos personagens da narrativa, principalmente a figura do feminino.

Os contos fantásticos são de grande importância para as crianças, e desde cedo lhe são repassadas tais histórias, mas, na maioria das vezes, de forma monótona. Partindo dessa realidade, esta proposta se caracteriza como uma atividade de resignificação do clássico, partindo do filme para o conto, em que os alunos poderão “dar a sua cara” à história, aumentando ainda mais (ou despertando) o gosto pela literatura. A proposta será baseada nas etapas do Letramento literário, que propõe Cosson (2006).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### *1. O clássico e a adaptação: uma oportunidade de diálogo*

Há uma grande polêmica em relação ao uso adaptações como ferramenta pedagógica, sobretudo no ensino de Literatura, pois por ser uma linguagem mais acessível e de fácil leitura (as adequações variam conforme o público ao qual a obra é dedicada) alguns defendem que isso acarreta a desvalorização da obra na íntegra. A escola acaba, muitas vezes, adotando a ideia de que os alunos devem ler os cânones, excluindo as demais formas de leitura, incluindo as outras artes. Como destaca Abreu (2006, p.109):

“[...] a escola tende a aproximar-se da opinião dos intelectuais e



## III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

esquecer – ou pior, estigmatizar – o gosto das pessoas comuns. Tomando o gosto e o modo de ler da elite intelectual como padrão de apreciação estética e de leitura excluem-se, das preocupações escolares, objetos e formas de ler distintos, embora majoritários. Se os alunos rejeitam os livros escolhidos pela escola, o problema está nos alunos – em sua falta de preparo, em sua preguiça.”

A leitura de uma adaptação não substituirá a leitura da versão original, mas servirá como uma espécie de “ponte facilitadora” para o aluno que sente certa dificuldade com a leitura original, pelos mais diversos fatores: linguagem rebuscada, estilo literário, tempo da escrita da obra, entre outros.

No conto dos irmãos Grimm, chapeuzinho é apresentada como uma boa menina, obediente à mãe e cheia de amor por sua avó, que está doente, e para reanima-la, vai levar à sua casa um vinho e doces feitos por sua mãe, e no caminho pela floresta encontra o lobo, que a pergunta o que tem na cesta e para quem seria aquelas guloseimas, ao falar que era para a vovó, o lobo vai por um atalho e chega primeiro à casa da avó da menina e a devora e veste suas roupas, para enganar

chapeuzinho e também devorá-la. Ao chegar a casa, a menina começa a indagar a fisionomia da “vovó”, e ao chegar à clássica pergunta “Que boca grande você tem”, o lobo também engole a chapeuzinho. Neste momento, o lobo adormece e ronca tão alto que um caçador que por ali passava entrou para ver o estado da vovó, mas ao deparar-se com o lobo, abre sua barriga ainda dormindo com um machado, resgata a chapeuzinho e sua avó e enche a barriga do lobo com pedras, que ao acordar, tropeça e morre.

A adaptação cinematográfica “Deu a louca na chapeuzinho” mantém o enredo geral do tradicional conto, mas quebra com todas as expectativas de um leitor que espera encontrar no filme a mesma sequência da narrativa. O filme inicia-se na mesma linearidade do conto, porém, ao entrar o caçador na história, a cena é interrompida pela “polícia da floresta”, que investiga o roubo das receitas dos tradicionais doceiros da floresta, e o lobo, a vovó, a chapeuzinho e o caçador estão sendo acusados do roubo, e todos eles passam por um interrogatório com o detetive, que pede a versão de cada um da história ( achei muito “e” nesse período, fica meio cansativo de ler).



A Chapeuzinho era uma menina que não queria o seu destino de “menina boazinha”, mas sim desbravar o mundo, mas sempre é repreendida pela sua avó, que, na verdade é uma esportista extremamente radical, e mente que está doente para poder sair de casa sem ninguém saber. O lobo é um repórter investigativo que encontra a Chapeuzinho na floresta após ela cair do bonde, indo visitar a avó “doente”. Ele chega antes da Chapeuzinho a casa da vovó, pois acha que elas tem envolvimento no roubo, mas a vovó chega antes dele, descendo de paraquedas, mas acaba se prendendo e indo parar dentro do armário. O lobo não encontra ninguém e se veste de vovó, e ao chegar, Chapeuzinho faz as clássicas perguntas e, nesse momento, chega o caçador, que na verdade é o motorista do carro de doces e, após o roubo das receitas e fechamentos das lojas da floresta, acaba tendo que arrumar um emprego como ator, e o seu papel era o de caçador. No fim do filme, descobre-se que o ladrão era um coelho que esteve em todas as versões da história.

Como fora dito anteriormente, há a quebra de expectativas do leitor/expectador, pois os personagens mantêm um percentual de suas identidades, mas são ressignificados no

decorrer da narrativa, podendo dizer que há uma inversão de papéis, na qual, o lobo é inofensivo, a Chapeuzinho luta karatê, a vovó mente para todos e o caçador não sabe caçar. A adaptação é vista, neste caso, como uma versão satirizada do conto, que, apesar do final feliz, tem partes violentas, que já foram modificadas das primeiras versões que surgiram, as quais eram direcionadas a adultos. Só depois de alguns anos os contos de fadas seriam destinados às crianças.

O que abordar ou não no conto ou na adaptação é de responsabilidade do educador, que tem à sua disposição inúmeros aspectos a serem trabalhados nas duas produções, podendo trabalhar ambas, mostrando as peculiaridades e diferenças, levantando discussões acerca do lugar da mulher na sociedade, da criança, dos valores, etc.

## *2. Uma proposta de letramento literário*

O letramento literário é algo ainda distante na maior parte da educação brasileira. Letramento este que consiste não apenas na leitura literária, mas sim na socialização dos sentidos que o texto proporcionou ao aluno, pois como aponta Cosson (2006, p. 28):



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

“[...] argumenta-se que a leitura literária na escola praticada na escola, também chamada análise literária, destruiria a magia e a beleza da obra ao revelar os seus mecanismos de construção. [...] essa atitude sacralizadora da literatura lhe faz mais mal do que bem. Mantida em adoração, a literatura torna-se inacessível e distante do leitor, terminando por lhe ser totalmente estranha.

A escola tem essa tarefa a cumprir, provando ao aluno que a literatura não é algo distante de da realidade dele, que se restringe aos textos com a linguagem rebuscada e da autoria dos cânones da literatura brasileira, mas que um poema, uma letra de música, uma crônica, um conto, têm em sua composição a essência da literatura: a literariedade.

O alvo do letramento literário é a formação tanto pessoal quanto social do aluno, que será capaz de não somente realizar a leitura de um texto, mas compreender os sentidos postos, o intuito daquele escrito, os usos da palavra, entre outras coisas. Por ter o aluno como o alvo deste letramento, é de suma importância que o professor esteja atento ao que os alunos estão lendo e aquilo que eles gostam de ler. Um erro corriqueiro nas

aulas de literatura é a imposição da leitura dos cânones literários, como se a literatura fosse estática e se engessasse apenas a esses tipos de leitura.

O primeiro passo para o letramento literário consiste em o professor ouvir o aluno. Isso não significa que os clássicos serão abolidos neste processo, tampouco o contexto sócio-histórico da literatura, mas, em um primeiro momento, poderá ser mais fácil para o aluno compreender essa atemporalidade da literatura em textos contemporâneos e atuais, pois como destaca Cosson (2006, p. 34), “o letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos”.

Cosson (2006) apresenta uma proposta didática para as aulas de literatura, a proposta do letramento literário, que é classificada em duas sequências: a básica e a expandida. Por fins metodológicos, optar-se-á, neste trabalho em apresentar a sequência básica que consiste em quatro etapas: motivação, introdução, leitura, interpretação.

## 2.1 Motivação



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

“Ao denominar *motivação* a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste em exatamente preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. [...] as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. (COSSON, 2006, p.55)

Nesta primeira etapa da sequência, o professor realizará junto à turma uma atividade antes de trazer o texto literário em si. Essa atividade precisa dialogar com o que será abordado posteriormente, de modo que o aluno seja inserido no universo literário. Nesta proposta, o momento de motivação se realizará com a seguinte atividade: a turma será dividida em cinco grupos, e cada grupo receberá, por escrito, dois objetos ou características presentes no filme e que não estão presentes no conto, para que possam recontar o conto adaptando esses objetos ou características à estória/personagem. A reconstrução, além de iniciar os alunos à atividade subsequente, também

proporciona um momento de descontração, de modo que eles compreendam que a literatura também é divertida. Reconstruída a estória, os alunos exporão suas hipóteses acerca do que será trabalhado em sala.

## 2.2 Introdução

“Chamamos de introdução a apresentação do autor e da obra.”  
(COSSON, 2006, p. 57)

As aulas de literatura na educação básica por muitas vezes se resume ao que Cosson (2006) denomina de Introdução, na qual o professor traz à turma uma apresentação do autor e da obra, que consiste no contexto sócio-histórico em que o autor se encontrava quando escreveu as obras, tendo como resultado uma aula de “história da literatura” e um grupo de alunos que não se sentem nenhum pouco atraídos pela aula.

Na introdução é apresentado à turma alguns dados biográficos do autor, pois muitas obras literárias trazem traços biográficos, por isso, faz-se importante entender quem foi, quais suas ideologias, contexto social, porque tudo isso refletirá em sua produção literária. Apresentar a obra



consiste em trazer aos alunos a obra física, para que eles possam ver, tocar, e se possível, levá-los à biblioteca.

Nessa etapa, será levada à classe algumas informações sobre os irmãos Grimm, quem foram, época em que viveram, o que acontecia naquela época, outras produções etc. No que tange à obra, será levada, além da versão impressa, o livro de contos de fadas, para que os alunos possam observar as figuras, proporcionando além da leitura verbal, a não-verbal, que favorece e facilita ainda mais a leitura do texto escrito, pois o imagético aguça a imaginação do leitor.

### 2.3 Leitura

“A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao

ritmo da leitura”  
(COSSON, 2006, p. 63)

Optar-se-á, nesta etapa, que a leitura do conto seja realizada em classe, primeiramente, individual e silenciosamente, depois, alternando a fala dos personagens com os alunos da turma, de modo que a leitura seja dinamizada. Por ser um texto consideravelmente curto, será pedido aos alunos que assistam ao filme “Deu a louca na chapeuzinho” e que tragam à turma na aula seguinte as impressões pessoais acerca da produção cinematográfica. Se gostaram, o porquê, se indicariam a algum amigo, o que sentiu quando assistiu, etc.

Cabe ao professor guiar a leitura do aluno, de modo a atender à programação que foi estabelecida em classe. A temática a ser abordada no conto é a representação do feminino, então, desde a motivação, o professor sempre retomará esta temática, que é o aspecto escolhido a ser observado. Tendo uma leitura direcionada, o aluno não se “perderá”, tendo uma visão mais centrada.

### 2.4 Interpretação

“[...] a interpretação parte do entretencimento dos enunciados, que



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. [...] A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento possa ser parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social.” (COSSON, 2006, p. 60).

A interpretação é a etapa em que o aluno poderá se encontrar no texto lido ou não, expor suas opiniões sobre o que lera. Aqui entra em cena o contexto do aluno, seu histórico de leitura, sua realidade, estado emocional... tudo afetarão diretamente em sua interpretação do texto literário.

Na aula, a turma será dividida em duas partes, e um grupo ficará com o conto, enquanto o outro com o filme. Tendo já sido expostas as impressões gerais acerca do filme, o grupo do conto irá apresentar a turma a maneira como o feminino é representado, enquanto o outro ficará responsável por apresentar a maneira de como o feminino é representado no filme. É importante que o aluno perceba a desconstrução que ali ocorre. Os alunos também poderão expor sua

identificação ou não com o conto/filme e o porquê, se concordam com o que leram/viram, se pudessem, o que mudariam, compartilhando as suas leituras com os colegas de classe.

Esta última etapa será a efetivação do letramento literário, pois o aluno poderá apreender e perceber os sentidos do texto e interpretar tais sentidos. A leitura literária não é apenas uma espécie de “absorção”, mas consiste também na exteriorização, no compartilhamento das impressões, que pode ser realizada das mais diversas formas, como exposição de cartazes pela escola, apresentação em um evento literário, recontagens, etc.

### 3. Avaliação

“[...] a avaliação não pode ser um instrumento de imposição da interpretação do professor; antes deve ser um espaço de negociação de interpretação do professor; antes deve ser um espaço de negociação de interpretações diferentes.” (COSSON, 2006, p. 115)

O processo de avaliação precisa ser bem mais além que apenas a necessidade de uma pontuação. A





avaliação serve para verificação da opinião do aluno, as suas impressões, seu trajeto na literatura... Na maioria das vezes, a avaliação de literatura consiste em uma ficha de análise de determinada obra ou uma avaliação sobre o contexto histórico e característica das escolas literárias. Porém, uma atividade avaliativa deve ser compreendida como um todo, desde o início das leituras, a evolução do aluno.

Na etapa da leitura, o professor já deve atentar e orientar o aluno acerca de sua expressão do que fora lido, norteando-o. Esse processo em que o aluno irá aprofundar suas visões é um dos aspectos a ser levado em consideração na avaliação. A etapa de discussão é, também, muito importante, pois o professor irá observar, se houver, as inadequações sobre a interpretação. A última etapa, a interpretação, irá dizer se o aluno atingiu ou não os objetivos propostos, totalizando a avaliação, e resultando em uma nota.

## CONCLUSÃO

As aulas de Literatura, sobretudo no ensino fundamental é, na realidade de muitas

escolas brasileiras, algo muito longe da realidade dos alunos, em que muitos deles não conseguem ver em tais aulas algo que acrescente positivamente em suas vidas, criando certa aversão por literatura. Há no mercado livros didáticos muito bons, porém, grande parte deles ainda traz em sua maior parte o ensino de gramática, até contextualizada, mas deixam muito a desejar no que tange à Literatura. A maioria traz um ou outro poema, alguns dados biográficos do escritor e em seguida uma interpretação do texto. Aula de literatura não se resume a isso. Como fora proposto neste trabalho, essas aulas podem ser, de fato, interessantes e atrativas para os alunos, que são os beneficiados diretos da educação.

O ensino de literatura na educação básica está fragilizado pelos mais diversos motivos, como a falta de capacitação de grande parte dos professores, desinteresse dos alunos, falta de material, de incentivo, etc. Porém, não se pode esperar soluções instantâneas, mas sim ter o desejo de mudança, e antes de tudo, acreditar no poder humanizador da literatura, como propõe Cosson (2006).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.



**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : 144p.